

COMO FAÇO POESIA

Magru Floriano

*“Vivo a poesia como um diálogo natural com o mundo. Escrever me traz felicidade e um estado de expansão da consciência.” **Rolando Toro.***

Fico cada vez mais admirado com o número de pessoas que nos dias de hoje estão aderindo à poesia. É realmente, a cada dia, um número mais expressivo. E essa tendência está ocorrendo em todas as classes e faixas etárias.

Talvez, por isso mesmo, nos últimos tempos ficou cada vez mais freqüente pessoas me formularem as seguintes perguntas: como é que você faz poesia? Qual o método? Quais os macetes? Se eu fizer igualzinho, repetir a fórmula indicada, também vou fazer poesia?

Talvez sim, talvez não. Quem sabe?! Mas, qual a validade de você trilhar exatamente um caminho que alguém inventou? Você vai estar tão preocupado em pisar exatamente onde ela pisou, agir como ela agiu, pensar como ela pensou... que fica difícil acreditar que você vai passar pela mesma experiência desta pessoa que está querendo imitar. Portanto, imitar exatamente o método criativo de um ídolo ou gênio não deixa de ser uma tarefa enfadonha e desnecessária, sem falar que não traz qualquer contribuição nova à sociedade.

Prefiro partir de outro princípio. Se estudo os métodos e técnicas dos outros escritores não o faço com o objetivo de copiar uma fórmula de sucesso, ou buscar o caminho mais curto para a fama. Estudo os métodos porque sempre estou aberto para aprender com os outros, mas consciente de que a mim, somente a mim, compete construir o caminho que vou trilhar. Portanto, me vejo como um operário, que no dia a dia constrói a sua própria história de vida. Os outros são referências.

Também é assim que vocês devem ler este pequeno ensaio, onde busco demonstrar/compreender o meu processo criativo no fazer poesia. Deve servir como uma das referências possíveis, jamais como regras absolutas, prontas, que devem ser seguidas às cegas, eliminando a criatividade como um veneno que mata ervas daninhas e flores indiscriminadamente.

Aqui vale as palavras do poeta Wladimir Maiakovski:

“Eu não forneço nenhuma regra para que uma pessoa se torne poeta e escreva versos. E, em geral, tais regras não existem. Chama-se poeta justamente o homem que cria estas regras poéticas”.

Contudo, posso dizer como faço meus versos, para que esta experiência sirva como matéria-prima para a elaboração de um novo fazer, cada vez mais aprimorado. Assim, passo a demonstrar como penso, como percebo a realidade e como me envolvo nela. Quais os meus métodos de abordagem, pensamento e procedimento.

COMO FAÇO POESIA:

VIVER

Em primeiro lugar é fundamental ao poeta que ele viva. O poeta é aquele que mergulha na vida. Tem olhos atentos a tudo. Não tem medo de se impregnar de vida. A vida é sua matéria-prima. Nunca esquecendo que Poesia é um termo derivado da palavra grega *Poiesis*, que significa justamente “ato de fazer algo, ação, criação”.

SENTIR

Em segundo lugar, o poeta olha esse mundo com olhos de poeta. É uma maneira toda especial de ver a vida, as coisas que estão ao seu redor. Podemos dizer que o ponto central desta maneira especial de ver o mundo está na capacidade do poeta de não ser uma pessoa indiferente ao que vivencia. Tudo lhe fere, dói, machuca, chama sua atenção. Tudo toca seus sentidos, sensibiliza, e o mais importante, tudo o estimula a agir. Agir para melhorar a sociedade e a vida das pessoas ao seu redor.

VER

O poeta não é um indiferente, um desatento. Tudo vê, tudo sente, tudo capta pelos sentidos. Tem olhos de águia, tentáculos de polvo, pés de centopéia, cabeça de Medusa. Porém, vê de um jeito especial, diferente dos outros ao seu redor. Vê, considerando a emoção e o belo. Há emoção e beleza na vida, e há emoção e beleza na morte. O poeta vê o que a maioria das pessoas não vê.

O poeta vê de um jeito todo próprio, só seu, daí sua genialidade e contribuição. Para fazer poesia temos de exercitar a nossa maneira de ver o mundo a nossa volta. Aprender a ver as coisas por ângulos diferentes,

inusitados. Ver de uma maneira especial, só captada por uma sensibilidade de artista. Essa é a visão do poeta. Uma visão que vê mais, vê melhor, vê por todos os ângulos e de um jeito sempre novo, inusitado, inesperado, incomum...

RELACIONAR

Uma atitude intelectual que faz muita diferença na poesia é o poeta aprender a relacionar coisas. Muitas vezes uma boa poesia nasce da capacidade do poeta de relacionar duas coisas que no dia a dia as pessoas não conseguem relacionar. Por exemplo, relacionar criança abandonada nas ruas com o cuidado que a Prefeitura dispensa às flores das avenidas. Veja no que dá:

GALHOS SECOS

Em cada esquina
De minha cidade,
Próximas a canteiros bem cuidados,
Vejo crianças com mãos estendidas
Pedindo um pouco da atenção
Que dispensamos às flores.

Minha cidade
Aduba terra para ver florir
Begônias e azaléias...
E joga no meio da rua
Crianças rotas, rudes...
...de olhares famintos.

Tristes esquinas
Cenários de contraste:
Flores cuidadas, crianças largadas,
Cepas abortadas
No útero civilizatório.

ANOTAR

Já perdi muitas poesias por ter deixado para anotar as idéias depois, quando já estivesse em casa, sossegado no meu canto. Mas, depois é outra história, outro momento, pode não dar mais liga, posso ter esquecido tudo.

O cotidiano é violento. Ele nos prende, nos dilacera. Sobra bem pouco tempo para nós mesmos.

Hoje, assim que tenho uma idéia paro tudo o que estou fazendo e anoto. Por isso, peguei o hábito de levar sempre comigo um lápis e um pequeno bloco de papel. Se estou dirigindo, paro o carro no acostamento, anoto a idéia central do novo poema, e sigo feliz. Se estou andando na rua, ou falando com alguém; se estou estudando, lendo ou jogando bola, dou o meu jeito de anotar.

Esses segundos são valiosos para o poeta, e perdê-los é um atentado contra o seu espírito criador. A mente criadora tem lampejos de criatividade, “insight”. Eles têm de ser valorizados como se fossem pepitas de ouro. É interessante observar que a criatividade tem seus próprios critérios e caprichos, a cabeça do poeta não vai avisá-lo, com antecedência, que está prestes a elaborar uma boa idéia. A qualquer instante, pode surgir o momento de uma bela criação. Eu me preparo para este momento.

Veja uma primeira anotação que fiz, quando estava ao volante do carro:

MACHADOS

*Ali minha infância
Continua intacta:
A pequena igreja tendo ao lado o velho cemitério
Atras, o itajahy-açu faz uma grande curva
À direita se preparando para banhar
A boa gente de Itajahy.
A estrada de barro
A pequena ponte dos Machados.*

Ao chegar em casa, quando tive tempo para dar uma boa parada diante da minha escrivaninha, coloquei esses versos novamente no papel. Ficou assim:

MACHADOS

Naquela estrada de barro batido
Onde deixei passos e anos
Rememoro tempos
De uma infância feliz.

A pequena igreja
Dando sombra, nas manhãs de verão,
Ao velho e silencioso cemitério comunitário
E ambos, igreja e cemitério,
Contemplando o itajahy-açu
Se preparando para banhar a boa gente de Itajahy.
Ali, onde Machados é poeira e campo
Pessoas simples comungam
O cotidiano da forja de uma comunidade.

Quantas noites aqueci meu corpo
No calor do fogão à lenha de Tia Pequena.
E menino da cidade, vi, toquei,
Admirado e espantado
Porcos, galinhas, vacas e bezerros.

Cortei cana para o gado
Comi goiaba, jabuticaba
E corri de bois enfurecidos.
Quantas vezes dormi de cansado
Com os pés sujos de terra
No sótão da casa de madeira,
Por cima das sacas de milho.

Machados não é um lugar
É vida!

Depois, ao colocar no computador, dei mais uma pensada sobre os versos, que ficaram assim:

MACHADOS

Naquela estrada de barro batido
Onde deixei passos e anos
Rememoro tempos
De uma infância feliz.

A pequena igreja
Dando sombra, nas manhãs de verão,
Ao velho cemitério
E ambos, igreja e cemitério,
Contemplando o Itajahy-açu
Se preparando para banhar

A boa gente de Itajahy.

Ali! onde “Machados” é poeira e campo
Pessoas simples comungam
O cotidiano da forja de uma comunidade.
Ali! Quantas noites aqueci meu corpo
No calor do fogão à lenha de Tia Pequena.
E menino da cidade,
Vi, toquei,
Entre admirado e assustado,
Galinhas, porcos, vagas e bezerras.
Cortei cana para o gado
Comi goiaba e jabuticaba
E fugi de bois enfurecidos.

Ali! Quantas vezes dormi de cansado,
Com os pés sujos de terra,
No sótão da casa de madeira,
Por cima das sacas de milho.

Machados não é apenas um lugar... é vida!
Ali! Fiquei para sempre encharcado
Pelo orvalho das manhãs.

Só paro de trabalhar nas poesias, quando elas já estão publicadas definitivamente em livro. Enquanto não forem publicadas em material definitivo, me sinto com liberdade para fazer e desfazer. Portanto, esta poesia ainda está em construção ...

CENSURA

Em um primeiro momento tudo é válido. Não faço julgamento de nada. Não recuso nenhuma palavra, ou idéia. Simplesmente anoto. Depois vem a razão, a triagem, a elaboração racional, a auto-censura. Depois, se eu vou, ou não, aproveitar o que escrevi, aí é outra história.

Tenho muitos poemas recusados, que guardo há anos nas gavetas de minha escrivaninha. São poemas que considero inacabados, que merecem um acabamento melhor, ou que ainda não estão maduros. Guardo esses poemas, porque um dia posso refazê-los, ou até posso mudar de idéia sobre eles. Muitas foram as vezes que joguei poemas na lata do lixo e depois

fiquei com saudades deles, fiquei com vontade de trabalhar melhor aquela idéia.

Também costumo não publicar poemas que ferem direitos de outros. Não gosto, por exemplo, de mexer na religiosidade das pessoas, apesar de há muito ter me definido como um agnóstico. Por isso mesmo, por querer respeitar e ser respeitado, nunca publiquei um poema antigo onde considero a igreja como um veneno. Ninguém me disse que o poema não podia ser editado. Eu resolvi não editá-lo, porque fere o direito dos outros em ter religião. Isso não significa que um dia não possa vir publicá-lo. Só que no momento em que publiquei o livro *Cotidianas*, considerei o poema agressivo, então optei por deixar de fora. Veja:

VENENO

A igreja
É como estaca cravada
No coração da consciência.

Água-tofana.

Ícones de ouro
Clamando por humildade.
Clero hierárquico e elitizante
Pregando a igualdade.

Água-tofana.

A igreja
É como estaca cravada
No coração da consciência.

Tenho essa poesia desde os tempos de minha militância na política estudantil, quando me envolvi com grupos radicais de esquerda, na reconstrução da União Nacional dos Estudantes- UNE, entidade colocada na clandestinidade pelo regime ditatorial. Pelo sim, pelo não, prefiro a cautela. E ser cauteloso é fundamentalmente dar tempo ao tempo.

SEM LIMITES

Não tem esse negócio, por exemplo, de *palavra podre*, de *rima pobre*, palavras que não são poéticas, e por esse motivo devem ser esquecidas. Nada disso. Cada caso é um caso. Dependendo da situação posso usar ou não determinada palavra. Quanto menos repressão melhor. O poeta tem de ser um espírito livre, sem preconceitos, estereótipos, idéias fixas sobre coisas e pessoas. O melhor é deixar acontecer... sem perder o equilíbrio e o bom gosto, é claro!

Meu único limite é o respeito ao outro.

REFAZER

O poeta tem de refletir muito sobre o seu trabalho. Fazer, refazer. Nunca estar totalmente satisfeito com o que escreveu. Não pode ter preguiça. Tem de ter a disposição de aprender cada vez mais. Fazer cada vez melhor. Para isso, costumo deixar a poesia de lado uns tempos, depois trabalho nela novamente quantas vezes forem necessárias. Não desisto fácil de uma idéia. Gosto de investir em cima de poesias que estão na gaveta. Considero isso um desafio.

OS OUTROS

O poeta tem de ter muito cuidado com quem está ao seu lado. A crítica é sempre um processo muito complicado. Às vezes, para não magoar, as pessoas preferem não dizer o que pensam. Outras vezes, as que falam, são injustas, infelizes na maneira de dizer, e por isso mesmo podem ser mal interpretadas.

Acontece que aquelas pessoas que às vezes estão ao seu lado te chamando de doido porque você pára o carro para anotar uma idéia, são as primeiras na fila do autógrafo, quando do lançamento do seu livro. Por isso, temos de saber pesar bem as coisas que as outras pessoas nos dizem. E, o mais importante, independentemente do que foi dito, temos de continuar.

Uma coisa importante que gosto de considerar, é o fato de que fica impossível agradar a todos. Por isso mesmo, tento fazer o meu trabalho o melhor possível e depois deixo chover as críticas. Geralmente gosto de ouvir as críticas de pessoas que considero intelectualmente, porque aprendo com elas. Para mim só considero as críticas (positivas) que têm o objetivo de ajudar. Não confundir com elogio. Não gosto da bajulação e do elogio meloso, fácil. Elogio barato não acrescenta nada à sua arte. A crítica (positiva) é aquela que aponta os seus erros e faz você refletir seriamente sobre as suas deficiências.

Desconsidero, contudo, a crítica dos *críticos profissionais*. Isso não é profissão que se tenha em conta. Onde já se viu ficar pela vida julgando o que os outros fazem, sem mostrar que sabe, ele próprio, fazer melhor. Geralmente os críticos são assemelhados a ditadores, que nem sempre disfarçam sua tendência a impor moda, estilo e conceitos.

TEMA

A inspiração para a boa poesia está diretamente ligada a se ter um tema. Às vezes, você se vê frente a frente com uma palavra linda, que te fascina. É amor à primeira vista. Ao pegar o dicionário para ver o que significa, a poesia brota naturalmente. Por isso considero que o poeta é um garimpeiro de palavras.

Mas, não sou daqueles que coloca uma folha de papel em branco na sua frente e diz: faça uma poesia sobre os mendigos, ou sobre o Natal. Nada disso. Eu deixo as coisas acontecerem. Agora, quando pinta a idéia, não dou

a mínima para onde estou ou o que estou fazendo. Paro para anotar. Acho melhor não ficar nessa de fazer as coisas por encomenda. Nunca coloquei a razão antes da emoção. Primeiro vivo, sinto, depois penso, racionalizo, coloco as idéias em ordem.

PALAVRAS

Busco sempre aprender palavras novas. Procuo captar sua melodia, seu significado, sua estrutura. Vejo a palavra como um ser vivo. Sinto e compreendo-as. Paro para observá-las como se estivesse olhando para uma orquídea ou um filhote de Poodle que acabara de nascer.

A combinação entre palavra e emoção é sempre explosiva. É revolucionária. Tento esquecer a rima. Ela não rima com o meu espírito livre. Nada deve ser feito por obrigação. A rima só vale se vier ao natural. Também esse negócio de métrica é camisa de força. Métrica é a penitenciária da palavra. Não digo que nunca vou usar, ou que não se deve usar. Mas, não tenho compromisso com esse tipo de coisas. É uma opção a mais, jamais obrigação.

TAMANHO

Não tem esse negócio de escrever mais algumas linhas porque a poesia está pequena. Ou cortar determinados versos, porque a poesia está muito grande. Entendo que poesia não tem tamanho ideal. O tamanho da poesia vai depender da lógica da própria poesia. Pode ser de qualquer tamanho desde que a idéia que quero passar para o leitor esteja preservada. Uma coisa parece evidente, as poesias longas são melhores para recitar. O público parece se encantar com as poesias que relatam uma história.

As palavras têm vida própria. Determinadas palavras são fortes e podem dispensar a companhia de outras. Veja um exemplo em que uma palavra pode dizer tudo.

EPITÁFIO

Morri!

Este poema sempre me levou a meditar muito sobre o sentido da vida. Ao meu leitor, o poema revela a visão filosófica própria de um agnóstico. Se uma palavra é suficiente para me revelar por inteiro, para que alongar mais? Agora, veja uma poesia longa, feita para ser recitada:

O GRITO DA TERRA

Vejo pessoas caminhando
Por uma estrada de chão batido
Ladeada por cercas de arame-farpado.
Passo a passo mais alegres
Como se donas fossem
Do seu destino.
Quem são ?
Onde vão?

Vejo pessoas caminhando
Seguem alegres, falantes, apressadas
Nas mãos, algumas carregam bandeiras
Outras, facões, pás e enxadas.
Hinos e refrões
Sonoros coros ou simples berros
Abafam o som da batida cadenciada
Dos pés descalços na terra dura.

A cada passo mais exaustas
A cada passo mais empoeiradas
A cada passo mais rotas,
Famintas e suadas...

Cansadas e sorridentes
Quem são?
Descamisadas e felizes
Onde vão?

Vejo pessoas caminhando
Quanto mais cansadas, mais unidas
Quanto mais rotas, mais decididas
Formando uma tertúlia
Avidas por um torrão de terra
Onde plantar futuro, sonhos
Suor e compaixão.
Tudo fazendo por uma pequena leiva
Pedaço diminuto de chão.
Querem apenas plantar arroz
Trigo e feijão.
Uma pequena gleba
Onde possam ver brotar a vida
Colher a existência
Com suas próprias mãos.

Apesar de ser
Um sonho tão pequenino
Não passa de ilusão.
O que tem de justo, tem de proibido:
A terra tem cerca, tem dono
E os homens, há muito
Desaprenderam a dividir o pão.

A cada passo
A cada canto, então
A paz parece mais distante
Fardas e armas
Reforçam as cercas
Cada homem, como se fosse um mourão
Fincado firme no solo
Como esteio da grande propriedade
Orgulho do senhor patrão.

Vejo pessoas caminhando
Armas desfazendo sonhos
E corpos caindo ao chão.
Quem cai?
Por que morre ?

Meu Deus! Meu Deus!
É justo tombar na luta
Um homem que apenas sonha
Para os seus ?
É justo !? Diga-me, por favor, Senhor!
É J-U-S-T-O?
Com tanta terra
Com tanto gado
Por que fazer de seu povo
Um povo desgraçado ?

Se há comida – por que morrer de fome ?
Se há terra – por que morrer peregrino ?
Se há riqueza – por que viver roto, desvalido ?
Por que morrer pária
No meio do caminho ?
Por quê ?

Agora, eu presto muita atenção para não alongar a poesia desnecessariamente. O que posso dizer em um verso, não vou dizer em dez. Faça um pequeno teste: leia a poesia acima, em completo silêncio, depois leia em voz baixa, só para você. Por último, leia em voz alta, com entusiasmo. Sinta quanta diferença. Quando quero ver se uma poesia tem melodia, ritmo, eu leio em voz alta, várias vezes.

OBJETIVIDADE

Uma poesia geralmente deve conter apenas uma idéia central. Tratar de apenas um tema. Muitas idéias misturadas, temas variados podem levar a poesia a ficar sem sonoridade, sem lógica, sem continuidade. A poesia é uma forma de expressão sintética, de idéias puras.

Por este motivo o poeta tem de ter o dom da síntese. Saber ser objetivo, claro, sintético. Procuo falar de uma coisa de cada vez. Isso é ser objetivo na poesia. Quando estou fazendo uma poesia e vejo que desviei do assunto inicial, desmembro a poesia em duas, ou deixo uma das idéias de lado, para trabalhar apenas em uma. Depois, com tempo, volto a recuperar aqueles versos que não serviram para aquele poema, naquele momento. Quer dizer, nada se perde. O que não dá de fazer em poesia é mexer com vários temas ao mesmo tempo. O pensamento tem de sair limpo, puro.

TÍTULO

O ideal é que o título sinalize no sentido certo. O título é um instrumento que o autor tem em suas mãos para avisar ao leitor sobre o tema que pretende abordar. É uma informação. Pelo menos deveria ser um guia de orientação. Muitas vezes os poetas escolhem uma palavra qualquer do texto para colocar como título, fazendo com que o leitor não tenha a ajuda do título para orientar a leitura. Prefiro ser direto, isto é, auxiliar o máximo possível o leitor sobre qual o tema que pretendo abordar no poema.

Esta objetividade técnica que tento impor aos títulos, contudo, não me desobriga a trabalhar na sua estética. O título tem de ser objetivo, mas ele faz parte da poesia e, como parte integrante de um todo, tem de estar em sintonia estética com os versos, formando um conjunto equilibrado.

RELEVÂNCIA

Como minha poesia é uma Poesia Engajada, levo muito em consideração se ela é relevante socialmente. Se o tema, a mensagem, vai auxiliar as pessoas a fazerem uma reflexão séria sobre a vida.

Contudo, não me censuro ao ponto de me proibir fazer poesias intimistas. Não há necessidade de radicalismo. O que procuro fazer é ter mais poesias engajadas do que intimistas, que representam algo exclusivamente para mim. Considero isso bom senso, pois já disse, prefiro não censurar, não limitar meu campo de criação. Acredito na democracia e na liberdade consciente. Livre arbítrio.

Veja uma poesia que considero ter relevância social. Ela foi feita durante a ditadura, por volta de 1970, e tinha o objetivo de protestar, denunciar.

CIDADÃO SEM CIDADANIA

Hoje eu falei com um amigo
Que foi preso.
Não bebeu
Não matou
Não roubou
Só pensou que...
Só falou que...
E foi preso.

Nunca bebeu
E voltou como bêbado.
Nunca matou
E voltou como morto.
Nunca roubou
E voltou sem nada.

Hoje eu falei com um amigo
Que foi preso
Por simplesmente pensar que...

Agora veja uma poesia que não tem uma função social declarada. Foi trabalhada mais na lógica do “belo pelo belo”. Quer dizer, quando eu trabalhei nesta poesia, não estava tão preocupado com a mensagem, porque estava entrando numa fase de influência de Oswald de Andrade e pretendia experimentar versos curtos, sintéticos, poemas-minutos. Estava mais preocupado com a forma, esta é a verdade.

PRISIONEIRO DO TEMPO

E o desespero bate
E nada tem data.
Meu relógio não tem...
Nem tempo, nem data.
Meu pulso não tem...
Nem sangue, nem data.
E nada mais tem...
E nada tem data.

E o desespero bate...
E nada tem data.

Interessante notar, que após ter feito a poesia e também tê-la divulgado, apareceu um pessoal elogiando o trabalho porque eu expressei muito bem o “mal do século”, que diz respeito ao fato das pessoas estarem cada vez mais oprimidas pelo relógio, correndo como loucas contra o tempo. O cotidiano é contado em segundos, vivemos como máquinas... Acontece, que nada disto estava sendo pensado *conscientemente* quando elaborei estes versos. Mas, penso que o trabalho do artista deixa de ser dele quando é publicado. Sendo assim, todos podem dar a interpretação que bem entenderem ao trabalho artístico. Não importa somente o que penso, mas o que todos pensam e também o que cada um pensa em particular ao ver a obra de arte. A arte é simbiótica, interativa, dinâmica. A arte é processo de construção. Nesse sentido deixa de ser propriedade privada para tornar-se propriedade pública, coletiva.

EM PÚBLICO

Quando edito um livro, publico poesias em jornais, recito nas rádios, ou em público, dou preferência às poesias engajadas, porque elas têm relevância social. Quer dizer, o tema que abordam diz respeito aos interesses da sociedade, e não apenas aos meus interesses particulares. Ocupo o espaço social com coisas que interessam a todos. Temos de saber diferenciar o público do privado. A poesia engajada trabalha na esfera pública. Visa sempre a defesa dos interesses da comunidade, do coletivo, do grupo.

SENTIMENTOS

Aproveito meus momentos mais tristes, minhas horas mais depressivas, o que tenho de mais negativo, e transformo em uma poderosa

força produtiva, criadora. Meus sentimentos negativos viram adubo para as palavras que surgem, logo após, como versos florindo. É a transubstanciação da tristeza em algo útil, socialmente desejado.

Quem disse que a tristeza não é útil? Aproveito meus momentos negativos para acender a fomalha do meu coração. Daí produzo pães, quentes, para alimentar o espírito dos homens e o meu mesmo. O negativo, então, também é positivo. Para o poeta vale a máxima “Na natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma”.

Veja um poema que fiz quando estava no velório de um amigo e constatei que bem poucas pessoas estavam no local, apesar dele ter sido uma pessoa que deu uma grande contribuição para a sua comunidade. Fiquei triste diante da falta de reconhecimento por parte das pessoas e escrevi ...

CONTABILIDADE FINAL

Fazendo as contas
Nestes cincoentas anos
De existência atribulada
De muitos passos e pouca fala
Restou-lhe:
Meia-dúzia de coroas de flores;
Algumas dezenas de lágrimas;
Uma centena de olhares perdidos
Em algumas faces tristes
Por sua partida imprevista.

É só!

PAIXÃO

É fundamental o gosto pelas palavras. Para ser poeta é necessário gostar de escrever. Se preciso for, ter a disposição de ficar horas escrevendo. Escrever sempre com prazer. Muito prazer. Escrever não deve ser trabalho, no sentido de esforço obrigatório, tortura...

Jamais sentei na frente de uma folha em branco e me obriguei a fazer um verso. E jamais escrevi pensando em remuneração. Não penso a poesia como mercadoria. Não penso o ato de escrever como trabalho. A poesia está vinculada à minha essência enquanto pessoa, e isto jamais estará à venda. Da mesma forma, uma vez que fazer poesia diz respeito ao encontro que tenho comigo mesmo, jamais tais momentos serão de sacrifício.

REVISÃO

Sempre dou meus trabalhos para mais de uma pessoa ler. Elas vêem o que não consigo ver, mesmo que leia mil vezes o que escrevi. A revisão feita por outra pessoa não é importante apenas por causa dos erros de português, mas também, e principalmente, por causa dos erros de raciocínio. Muitas vezes estou tão absorto em uma idéia que acabo não percebendo que o pensamento está contraditório, quer dizer, digo uma coisa no início para logo em seguida desdizer tudo.

Muitas são as vezes que o escritor está tão condicionado a ver o seu trabalho de um jeito, que mesmo lendo cem vezes não vai identificar, localizar, um erro. Por isso é que sempre mostro os meus trabalhos para alguém que está fora do meu processo criativo. Alguém que não está envolvido emocionalmente com o tema, ou a obra. Essa pessoa tem a responsabilidade de ver tudo à luz da razão, da técnica. Feliz o escritor/poeta que pode contar com uma pessoa detalhista que auxilie nessa amarga tarefa de dizer o que as outras pessoas têm pena ou medo de dizer.

O livro “Cotidianas” contém uma poesia intitulada de ENGANO. Veja um trecho original e como ficou depois das sugestões propostas pela revisora Nair Therezinha.

Original:

A gente é que se engana
Pra poder dar mais um passo
Acreditando que amanhã poderá ser diferente

A gente é que se equilibra
E também se desequilibra
Que se desgasta como sabão
Que implora não viver em vão.
A gente é que sofre
Que tenta ser feliz, sendo qualquer coisa...

Como ficou:

Nos enganamos
Pra podermos dar mais um passo
Acreditando que amanhã poderá ser diferente
Nos equilibramos e também nos desequilibramos
Desgastamos como sabão
Implorando não viver em vão.
Sofremos,
E tentamos ser feliz, sendo qualquer coisa ...

Contudo, a palavra final é sempre do autor. O revisor sugere mudanças. Nair Therezinha sugeriu que na poesia ACABOU eu trocasse a palavra “silogismo” por “filosofia”, não concordei e mantive o original. Veja a diferença:

Não há mais feijão
E eu não posso comer silogismo.

Não há mais feijão
E eu não posso comer filosofia.

É interessante notar que pequenos detalhes fazem muita diferença. Considero, por exemplo, que a palavra silogismo fica muito mais poética no texto se colocada no plural. Pena que não percebi a tempo de modificar para a edição do livro Cotidianas. Veja:

Não há mais feijão
E eu não posso comer silogismos.

Não há mais feijão
E eu não posso comer filosofias.

ERRO

Errar é humano. Faço tudo que está ao meu alcance para não errar. Se necessário leio cinquenta vezes, dou para outros corrigirem. Mas, a prática tem me mostrado que mesmo assim, os erros insistem em aparecer. Resta, neste caso, aprender com eles. Depois de publicado, não adianta perder uma noite de sono porque saiu um erro de ortografia em um de seus poemas. Devemos aprender a nos OCUPAR, nunca a nos PRÉ-OCUPAR. Aprender com o próprio erro é sabedoria.

Como o poeta engajado é aquele que vai ocupar o máximo de espaço possível nos meios de comunicação, é bom estar preparado para ver seus poemas escritos com muitos erros, principalmente de digitação. Para corrigir um pouco essa falha dos jornais, sempre que possível, levo os meus trabalhos já digitados, em disquete. Desta forma, dificilmente ocorrerão erros, porque o jornal vai aproveitar a minha digitação. Agora, sempre estou preparado para ver o meu trabalho publicado erroneamente. Tento não me abalar, principalmente porque são erros que não dependem de mim. Quer dizer, eu não posso fazer nada. Não sou onipotente.

AMBIENTE

O melhor ambiente para se trabalhar ou criar é aquele que você decidir que é o melhor lugar do mundo. Cada pessoa tem seu estilo próprio, suas limitações, seus tiques nervosos. Uns só escrevem à noite, outros só escrevem em completo silêncio. Tem quem escreve escutando música em alto volume, e tem quem escreve no banheiro.

O lugar ideal para escrever é o lugar que você escolher. Todo lugar é lugar. Toda hora é hora. Um minuto é muito tempo. Uma hora pode ser quase nada. Para quem escreve o tempo não existe.

MENSAGEM

A poesia é uma mensagem. Portanto, deve ser escrita de forma a ser entendida pelo maior número possível de pessoas. Deve ser simples, sem ser simplista demais, sem cair no senso comum. O óbvio tem de ser dito, mas com competência, beleza. A poesia deve ser profunda, sem ser prolixa, complicada. Deve ser o mais completa possível (técnica, emoção, linguagem), ao mesmo tempo que acessível. Deve ser uma mensagem endereçada a outra pessoa.

Nunca escrevo para mim mesmo. Portanto, tenho de fazer um grande esforço para ser entendido. Principalmente porque quem está me lendo não me terá ao seu lado para dar as devidas explicações. Quando alguém estiver me lendo, provavelmente estará bem longe, sem a mínima possibilidade de conversar comigo para tentar entender as minhas intenções.

Quando estou escrevendo penso nos outros, nos meus leitores. Escrever Poesia Engajada é pensar duas vezes nos outros. Primeiro, porque eu tenho uma preocupação social, e uso meus versos visando contribuir para que a vida da maioria oprimida, despossuída, melhore; segundo, porque ao escrever, escrevo para todos. Devo, portanto, me esforçar ao máximo para ser entendido por todos.

Entre um verso bonito e complicado, e um verso menos bonito e compreensível, fico com o segundo. Meu objetivo não é o belo, a estética. Meu objetivo principal, é antes de tudo, passar uma mensagem social. Contudo, tento incansavelmente conciliar o simples com o belo.

PARTILHAR

Nunca perco uma oportunidade de aprender. Muito menos de ensinar. Tenho toda a paciência do mundo para ensinar todas as pessoas dotadas de boa vontade em aprender.

Temos de olhar para os nossos saberes como propriedade coletiva e não como propriedade privada. Os saberes são construídos pelo grupo, e por isso, devem ser sempre compartilhados.

Nunca deixei de ensinar alguém por ter o receio de que no futuro essa pessoa viesse a ser melhor do que eu, ou mais famosa, etcetera e tal. Ensino porque amo a humanidade e quero vê-la melhor. Ficarei muito feliz de ver alguém que ajudei se dando bem na vida.

EXPOSIÇÃO

Nunca tive medo, receio, de me expor. Desde os tempos de juventude participei de varais literários, revistas alternativas, jornais estudantis. A única resistência que sempre tive, foi de participar de concursos literários. Hoje penso diferente, acho que o jovem que está iniciando deve aprender a se expor, levar a sua mensagem para o máximo de lugares, inclusive em concursos.

No caso de concursos, o ideal é não ficar projetando. Achar que vai ficar famoso porque tirou em primeiro lugar, ou que não é poeta porque nunca ganhou um prêmio. Se resolver participar de um concurso, entre com o espírito desarmado. Tire das suas costas a obrigação de vencer.

A sociedade contemporânea abriu muitos canais de comunicação entre pessoas e grupos. Isso significa dizer que há muito espaço para ser ocupado. Mande seus melhores poemas para jornais e revistas

especializadas, participe de coletâneas promovidas por editoras, se exponha, mostre o seu trabalho. Recite, peça para um amigo recitar seus poemas.

Participe o máximo e aprenda a conviver com a indiferença, o pouco caso, que algumas pessoas dão à arte. Seja uma pessoa ativa socialmente. Contudo, tenha bem claro em sua cabeça de que é impossível agradar a todos.

GRUPO

Faça amizade com outros poetas. Troque experiências. Seja social. Sempre que possível seja sócio de entidades culturais (associação de escritores, grêmio literário, UBE- União Brasileira de Escritores, Academia de Letras de sua cidade), participe de cooperativa editorial, de antologias. Participe dos eventos promovidos por outros artistas. Leia as obras das outras pessoas que convivem no mesmo espaço, e dê um retorno crítico.

Algumas pessoas pensam que para ser artista tem de fazer gênero, tipo “bicho do mato”. Que nada. Você pode ser gênio e ser sociável, simpático, empático, um tipo normal, comum. Ser um cidadão ativo. Por que é preciso ser temperamental, esquisito, diferente, “estrelinha”, para ser artista? Nada disso. Eu tento de ser mais um no grupo, sem deixar de ser uma pessoa especial para quem está ao meu lado, convivendo comigo no dia-a-dia.

PODER

Sobre a relação do poeta com os detentores do poder, todo cuidado é pouco. Afinal, liberdade não tem preço. Uma relação nunca pode ser uma amarra. Liberdade intelectual é fundamento para a arte de qualidade. A poesia engajada é comprometida com idéias e não com os interesses de uma pessoa em especial. Quando uma causa se confunde com o nome de apenas

um grande líder, está na hora de se fazer uma análise crítica sobre os objetivos e práticas do movimento. Poder personalizado é câncer social. Atrelar a poesia a este tipo de poder é prostituí-la. Causas e idéias não devem ter donos.

Puxar o saco, elogiar exageradamente, aderir acriticamente, de forma incondicional, pode ser o caminho mais rápido para se editar um livro, conseguir patrocínio ou destaque na comunidade cultural. Pode ser também o caminho mais eficiente para conseguir cargos e formar um belo currículo. Mas, com certeza essa trajetória de vassalo pode não ser duradoura. Muitos poetas “oficiais” são jogados no esquecimento assim que seus protetores largam a caneta, perdem o poder.

Por outro lado, o caminho dos que sabem resistir, dos que sabem dizer não, muitas vezes é mais longo, mais árduo, mas é também muito mais rico, mais duradouro. A história faz sua escolha de tal sorte a privilegiar os fortes, os corajosos e destemidos. Exemplos não faltam ...

AUTORES LOCAIS

Tento ler o máximo possível a literatura produzida por autores locais, inclusive os históricos, aqueles que já morreram. Leio e faço uma análise, comparo autores, observo os ângulos por onde olharam Itajahy. Ler os autores da própria terra é importante para se ter um referencial sobre a qualidade do que se está escrevendo na comunidade da qual faço parte e que quero interferir. Fica mais fácil compreender a sociedade.

Não leio os outros autores apenas para comparar, ver quem é melhor. O negócio é ler os outros para ter referências. Ficar em sintonia com o seu tempo, sua gente, seu espaço. Tomar consciência da geografia da sua existência. Minha poesia é geográfica. Quer dizer, faço poesia tomando consciência de que eu, enquanto ser vivo, estou em um determinado tempo

e lugar. A poesia é fruto da minha percepção sobre o contexto, do meu olhar para o mundo e a consciência que tenho de todo esse processo.

COTIDIANO

Geralmente eu escrevo a primeira versão à lápis, em folhas de papel sulfite ou caderno. Só depois que considero que o trabalho está razoável é que passo para o computador. No computador ainda continuo alterando o trabalho. Ainda hoje tenho o hábito de manter sempre por perto um caderno, onde rascunho meus versos. Não tenho a preocupação de produzir determinada quantidade por dia. Não me cobro produtividade, tipo: tenho de escrever uma poesia por dia.

Tem época que escrevo cinco, dez poesias por dia, e tem épocas que fico mais de um ou dois meses sem escrever. Nunca forcei a barra ou coloquei metas de produção. Nunca fiquei apreensivo porque fiquei ano sem escrever. Se for para escrever por escrever, melhor não escrever. A condição para escrever é o prazer. E prazer está ligado à inspiração. Se isso soa muito próximo do que pensam os românticos, e muito afastado do que pensam os futuristas/modernistas, então podem me rotular de romântico, pouco me importo, uma vez que os rótulos apodrecem como tudo na vida.

NOME

Considero importante o artista ter um nome forte, destacado, diferente. Um nome que seja fácil de ser trabalhado em termos de mídia. Tem de ser um nome sonoro. Esse nome pode ser inventado, adaptado, não precisa ser o seu nome original ou originário dele. Meu nome de batismo é Hélio Floriano dos Santos. Meu apelido, desde as aulas de latim do segundo grau no Colégio Salesiano é Magrú. Então, montei o nome artístico Magrú Floriano. Mantive o Floriano porque tem uma história de família, que faz

com que esse nome me bata forte. Da família peguei o Floriano, do grupo peguei o Magrú. Então fica dito: não sou o Hélio que meus pais queriam, mas sou o Floriano que lhes guarda respeito e a tradição da família. Não sou o Magrú que o grupo de estudantes costumava fazer chacota por ser muito magro, mas o Magrú Floriano que lhes agradece pelos obstáculos impostos a sua frente e que tiveram de ser vencidos. Sou família, sou um ser social, e ao mesmo tempo sou eu mesmo, único, ser de livre-arbítrio.

PLÁGIO

Como costumo ler bastante, muitas vezes tenho a sensação de que a minha memória está me traindo. Isto é, muitas vezes, ao escrever um verso, tenho a sensação de que aqueles versos não são meus. São versos que a minha memória está tirando lá do fundo do meu cérebro de leitor.

Confesso que fico em pânico, só de pensar em ser acusado de cometer plágio. Não há crime mais hediondo para uma pessoa criativa do que plagiar. Por isso mesmo, quando estou em dúvida sobre a autenticidade do que escrevo, prefiro não publicar. Perco uma batalha, mas não perco a guerra.

Um recurso que uso, é colocar aspas em alguns versos que suspeito não serem completamente autênticos. Foi o que fiz nesta poesia:

ESQUECIMENTO

O que é morrer?
“É esquecer de sofrer um pouco mais”
é a recusa
em permanecer se banhando
na angústia do cotidiano;
é um beijo furtivo
no canto da vida;
é deixar de andar
pelas vielas tortuosas
que dão em lugar nenhum.

Morrer é esquecer
De sofrer pelo caminho
Feito de lama e lamentação.

Morrer é esconder-se
Dos olhares tristes dos aflitos;
Livrar-se do choro lamuriante
Dos desvalidos;
Do sorriso ausente
Dos tísicos.

“Morrer é bastar a si próprio”.

Depois, cortei tudo o que considere desnecessário e deixei assim:

ESQUECIMENTO

O que é morrer?
Morrer é esconder-se
Dos olhares tristes dos aflitos
Livrar-se do choro lamuriante
Dos desvalidos
Do sorriso ausente
Dos tísicos.

“Morrer é bastar a si próprio”.

POESIA/PROSA

Para finalizar, gostaria de acentuar que fazer poesia é diferente de fazer prosa. Uma poesia tem uma lógica muito diferente de um romance, um conto ou crônica. No romance o autor tem de saber mentir, enganar, iludir. Uma história vai ser mais emocionante na medida em que o autor souber trapacear, jogar com a emoção do seu leitor, iludir. Se o autor de um romance não disser a verdade, ou sonegar até a última página algumas informações vitais para o entendimento da trama, isso tudo acaba sendo crédito para ele, que conseguiu manter uma atmosfera de suspense.

Na poesia é diferente. O poeta fala sempre a verdade. A poesia é uma mensagem direta, em linha reta. O poeta é um profeta, um pregador. O objetivo da poesia é convencer o leitor sobre alguma coisa que o autor considera verdadeira. Quando o poeta diz que está apaixonado é porque ele está realmente apaixonado. Quando diz que a cidade é bela, é porque ele considera a paisagem de sua cidade a mais linda do mundo. O poeta é um artista da verdade.

Talvez aí, reside o fato das pessoas preferirem os romances e contos, às poesias. Certas pessoas não toleram a verdade, enquanto outras estão cansadas da realidade. Tem ainda os que não gostam de se sentir questionados. A poesia cala fundo na consciência de muita gente. Essas pessoas ficam inquietas, inseguras, intranquias. Quando um poeta questiona a realidade, as relações de mando, as injustiças, a desigualdade social, está mexendo com interesses já acomodados.

O bom poeta é aquele que se esforça para o leitor acreditar sinceramente nele.

Exemplo completo:

Vou mostrar a confecção de uma poesia por inteiro.

Estava esperando minha companheira sair do Colégio Salesiano onde trabalhava, dei alguns passos entre as ruas Gil Stein Ferreira e a Felipe Schmitt, quando observei a grande quantidade de pombos que ali comiam as frutinhas que caíam de uma figueira na calçada defronte da agência dos Correios.

Anotei a seguinte idéia: “os pombos, livres da razão, apenas voam livres.”

Ao chegar em casa, passei para o meu caderno de poesias uns versos mais elaborados. Nos seguintes termos:

Enquanto penso sobre a vida
Enquanto dou passos tímidos sobre a calçada
Os pombos sobrevoam a Olímpio Miranda Júnior
Indo e vindo entre as figueiras centenárias
Da agência dos Correios e Telégrafos
E a torre da igreja do Colégio Salesiano.

Alguns dias depois, arrumei para:

Enquanto penso na vida
Enquanto dou passos tímidos sobre a calçada
Os pombos sobrevoam a Gil Stein Ferreira
Dando vôos rasantes entre as figueiras centenárias
Da agência dos Correios
E a torre da igreja do Colégio Salesiano.
Livre de grades e compromissos
Livres de agendas, calendários e razão
Livres, apenas livres
Os pombos apenas recolhem
No pátio do Colégio, ou na rua,
Os restos dos lanches que as estudantes
Deixam durante o recreio.

Ali tem uma escola? Não sabem!
Ali o trânsito é neurótico? Não sabem!
Ali tem um templo? Não sabem!
Ali tem uma cidade? Não sabem!

Livres de qualquer racionalidade
Vivem!
No final da batalha por um grão de pipoca
Abandonado próximo ao meio-fio
Voam para a cumeeira da igreja
E ficam horas
Contemplando os homens e seus feitos.
Devem rir às gargalhadas
De tanto desatino e despropósito.

Livres, apenas livres,
Os pombos sobrevoam a Gil Stein Ferreira
Arrulhando em tons suaves
Como que cantando
A simplicidade da vida.
Todo o resto
Se faz desnecessário!

Ao passar para o computador, retirei tudo que entendia ser supérfluo.
Tinha me estendido demais, sem necessidade. Deixei apenas os versos que

consolidavam a idéia central, que era mostrar ao meu leitor que os pombos, às vezes, são mais felizes por não serem dotados de razão. Nós, seres humanos, por um lado, temos nossa existência mais complicada por racionalizarmos tudo, o tempo todo.

Os versos ficaram assim:

OS POMBOS

Enquanto penso na vida
Enquanto dou passos tímidos sobre a calçada
Os pombos sobrevoam a Gil Stein Ferreira
Dando vôos rasantes entre as figueiras centenárias
Da agência dos Correios
E a torre da igreja do Colégio Salesiano.

Livres de grades e compromissos
Livres de agendas e calendários
Livres de qualquer racionalidade – vivem!

Após catar alguns grãos de milho de pipoca
Servidos pelos pequenos estudantes,
Ou a semente que o vento retira da velha figueira,
Voam para o telhado da igreja
E ficam horas contemplando os homens e seus feitos
Dando boas gargalhadas
De tanto desatino e despropósito.

Livres, apenas livres,
Os pombos sobrevoam a Gil Stein Ferreira
Arrulhando em tons suaves
Como que cantando a simplicidade da vida.
Todo o resto
Se faz desnecessário.

Contudo, estes versos ainda não estão finalizados. Como disse anteriormente, só paro de mexer em uma poesia quando ela é publicada. Provavelmente quando publicar o livro de poemas *Fogo-Fátuo – o diário de um poeta triste*, este poema será incluído, podendo apresentar muitas alterações.

